

# SABERES ANCESTRAIS I

## Territórios, práticas tradicionais e patrimônio imaterial

**Eduardo Rocha<sup>1</sup>,  
Adriana Portella<sup>2</sup> e Fernando Freitas Fuão<sup>3</sup>**

Esta edição da *Revista PIXO* reúne entrevistas, textos autorais, artigos, ensaios visuais e relatos de processos projetuais que abordam os saberes ancestrais como práticas vivas, territorializadas e em permanente atualização. Ao longo dos materiais publicados, o dossiê afirma o patrimônio imaterial como campo de experiências, disputas e continuidades, reconhecendo os saberes tradicionais como fundamentos da produção do espaço, da cultura e da vida coletiva.

Na seção **Entrevistas**, o número se abre com *Capoeira, crise climática e cosmovisão – Ensinos do Mestre Cobra Mansa no evento Volta o Mundo*, que reúne **Mestre Cobra Mansa**, **Mestre Jarrão**, **Tais Beltrame dos Santos** e **Otávio Gigante Viana**. A entrevista apresenta a capoeira como prática ancestral, cosmovisão e ferramenta crítica diante das urgências climáticas contemporâneas, articulando corpo, território, ancestralidade e política.

Na seção **Autor@s Convidad@s**, **Fernando Fuão**, em *A espessura da vida*, propõe uma reflexão sensível sobre geografia, representação da Terra e a fragilidade da existência, tomando como pano de fundo as enchentes no Rio Grande do Sul. Em *Entre santos, folhas e velas – A materialidade dos Altares como Expressão do Sagrado das Benzedadeiras de Pelotas*, **Simone Fernandes Mathias** e **Luciene Mourige Barbos** investigam os altares como dispositivos de transmissão de saberes e práticas do sagrado. Já em *Mobilidade e o “modo de ser” Guarani*, **Dirce Eleonora Nigro Solis** e **Nanci Vieira de Oliveira**.

O núcleo central da edição, **Artigos e Ensaios**, reúne um amplo conjunto de pesquisas que atravessam práticas ceramistas, territorialidades indígenas e negras, cartografias da resistência, saberes das águas, cosmologias da floresta e modos de habitar. Em *Tornear o barro, habitar o tempo*, **Tais Beltrame dos Santos**, **Humberto Levy de Souza** e **Paulo Renato Viegas Damé** abordam a prática oleira como saber existencial e formativo. Em diálogo, *Saberes ceramistas e paisagem cultural*, de **Keila Galon** e **Jane Victal**, analisa o barro como expressão das práticas tradicionais no território mogiano.

<sup>1</sup> Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) .

<sup>2</sup> Pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e na Heriot-Watt University.

<sup>3</sup> Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A ancestralidade negra comparece em *Vozes da terra*, de **Ana Carolina Belém Lemos Dias**, que discute a arquitetura ancestral negra como memória incorporada ao corpo e ao território. As disputas territoriais indígenas em contexto urbano são abordadas por **Eduarda Heineck Fernandes** em *Uma retomada na cidade*, sobre a territorialização Kaingang no Morro Santana, em Porto Alegre. Já em *Marka Coimbra*, **Mateo Olivera Santivañez** e **Helio Hirao** mobilizam o conceito de territorialidades Ch'ixi para pensar uma São Paulo em crise.

As cartografias e os saberes de resistência aparecem em *Vivências Kalungas e o Cerrado*, de **Fabiana Melo dos Santos**, enquanto os modos de vida Guarani são discutidos em “*A vida do Guarani é assim*”, de **Alessandra de Sant’Anna**, **Marta Sazdkoski** e **Gerson Galo Ledezma de Meneses**, a partir das práticas socioterritoriais dos Avá-Guarani no oeste do Paraná. Em *Uma análise da comunidade tradicional dos Areais da Ribanceira sob a ótica dos movimentos sociais e da justiça ambiental*, **Claudia Aparecida de Souza Ferreira** analisa os conflitos e lutas por reconhecimento territorial.

A Amazônia atravessa o dossiê em diferentes chaves. Em *Navegar pelos rios do tempo*, **Victor Salgado** propõe uma cronologia espiralar no território amazônica. Em *Quão sustentável é a mobilidade urbana nas comunidades amazônicas?*, **Andréa Nazaré Barata de Araújo** e **Maria das Graças Ferraz Bezerra** problematizam os discursos da sustentabilidade a partir das realidades ribeirinhas. Já em *Cosmologias da floresta*, **Gibson Albuquerque** e **Maria Angélica da Silva** refletem sobre o sonhar e o viver sob o Céu do Mapiá.

As relações entre ancestralidade, política e imaginação do futuro aparecem em *Contrafeitiços urbanos*, de **Séfora Emiliano Ferton** e **Flavia de Sousa Araújo**, e em *Contra-feitiço, contra-monumento*, de **Beatrice Perracini Padovan**, que discute a cosmopolítica Guarani Mbya e os espaços da memória em São Paulo. Os rituais e espacialidades do sagrado são abordados em *A natureza e o espaço sagrado nos rituais umbandistas*, de **Bruno Fernandes Schwinn** e **Ricardo Socas Wiese**.

Os saberes do fazer e da música aparecem em *Para os saberes e para a fabricação do tambor de sopapo*, de **Maurício Couto Polidori**, **Fernanda Tomiello** e **Miguel Delanoy Polidori**. Já os saberes das águas são discutidos em *Renda, pesca e paisagem*, de **Flávia de Sousa Araújo**, **Manoel Ageu da Silva Neto**, **Luana da Silva Lacerda dos Santos**, **Liriel Gonçalves da Conceição Lira**, **Laysa Vitória Conceição de Souza** e **Lana Kauane Gomes Graciliano**, a partir das margens da Laguna Mundaú.

As práticas cotidianas e os modos de habitar atravessam *Do quintal à rua*, de **Gabriel Aires Peixoto de Lima** e **Adriana Mara Vaz de Oliveira**, sobre os saberes medicinais com plantas em Goiânia; *A casa negra brasileira como território de saberes*, de **Dara Elisa dos Santos Bandeira** e **Cristhian Moreira Brum**; *Oreramoi Nhe’ẽ yy jerê ore ygua*, de **Juliana Yvoty Lang Pádua**, que propõe a escuta das palavras dos avós junto ao Guaíba; *Caminhografia e Territorialidades Ancestrais*, de **Eduardo Rocha**, **Tais Beltrame dos Santos**, **Luana Pavan Detoni**, **Otávio Gigante Viana**, **Eduardo da Silva e Silva** e **Gabriela Droppa Trentin**, que explora a caminhografia como prática coletiva de leitura, escuta e inscrição do território nas margens do Canal São Gonçalo; e *Ateliê nômade*, de **Evandro Fiorin**, **Luana Porfirio da Luz**, **Mikaele Caroline Barbosa da Silva** e **Raquel Santos Salines**, que aborda o habitar como território existencial.

A partir desta edição, a seção **Parede Branca** passa a se chamar apenas **Parede**, deslocando a ênfase do vazio ou da neutralidade para a ideia de superfície ativa, lugar de inscrição, de afetação e de aparição sensível. É nesse sentido que a dimensão visual do dossiê se expande em *Afectos movidos por Ngen Ko*, de **Daniela Vieira Goularte**; e *Cidade, natureza e memória*, de **Gabriel Aires Peixoto de Lima**, sobre o saber-fazer com plantas medicinais.

Encerrando a edição, a seção **Processos e Projetos** apresenta *A fotomontagem na crítica à produção do espaço urbano do bairro do Rio Vermelho – Salvador*, de **Estefania Weber**, que articula imagem, crítica urbana e processos de leitura do território.

As capas da edição fazem parte do ensaio *Floresta coberta, desvelando uma poética visual*, de **Silvia Helena Cardoso** — publicadas na edição 32 da Píxo, reafirmando a potência da imagem como forma de pensamento e de inscrição sensível do território.

Ao reunir esse conjunto diverso de materiais, a *Revista PÍXO* reafirma seu compromisso com a escuta de saberes plurais e com a construção de um campo crítico que reconhece os territórios como espaços de vida, memória e criação contínua. **Saberes Ancestrais I** se apresenta como abertura de um ciclo editorial que aposta na continuidade, na permanência e no aprofundamento do debate sobre práticas tradicionais, patrimônio imaterial e modos outros de habitar o mundo.

Como gesto de encerramento — e também de abertura — este número convida a uma leitura atenta, sensível e demorada. Que cada texto, imagem, entrevista e ensaio possa ser atravessado como quem percorre um território vivo: com escuta, com cuidado e com disponibilidade ao encontro. Entre palavras, imagens, gestos e memórias, esta edição propõe que o saber não seja apenas compreendido, mas sentido; não apenas reconhecido, mas praticado. Que a leitura se faça caminhada, e que, ao virar cada página, seja possível reconhecer nos saberes ancestrais não um passado distante, mas forças ativas que continuam a sustentar, transformar e reinventar a vida em comum.